

UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE A FAMÍLIA A PARTIR DO PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS

Fernanda Müller

Universidade Federal de São Paulo
Campus Guarulhos, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta resultados de um estudo etnográfico conduzido com nove famílias na cidade de Porto Alegre. O principal objetivo é interpretar as concepções das crianças sobre as suas famílias, a partir de uma combinação de métodos, tais como as fotografias tiradas pelas crianças, conversas gravadas e transcritas e entrevistas com seus parentes e amigos próximos. O trabalho explora temas relacionados à incorporação ou exclusão de membros da família, às relações hierárquicas na família e ao papel da casa no cotidiano.

Palavras-chave: Família, infância, metodologias de pesquisa com crianças, socialização.

Abstract

This paper presents some results of an ethnographic study on nine families in the city of Porto Alegre, Brazil. Its main objective is to interpret the children's conceptualizations on their families, through a combination of methods, such as photographs taken by the children, tape-recorded conversations, participant observations, and interviews with their relatives and close friends. The work explores themes related to the incorporation or exclusion of family members, hierarchical relationships within the family and the role of the home in routine.

Key words: Family, childhood, research methodologies with children, socialisation.

Introdução

Ainda que a infância tenha sido estudada pela sociologia da família e pela sociologia da educação, Montandon (1997) afirma que estas áreas não centraram seus estudos diretamente na criança, uma vez que a entenderam como um objeto das práticas educativas dos pais ou da escola. Este artigo não somente retrata um estudo *sobre*, mas também *com* as crianças. Seu principal objetivo é apresentar parte dos resultados de um estudo que explorou conceitos de família a partir da perspectiva de nove crianças, moradoras de três diferentes bairros da cidade de Porto Alegre.

A pesquisa oportunizou às crianças que fotografassem espaços da cidade que julgassem importantes, o que foi seguido de conversas gravadas e transcritas, observações, entrevistas com seus parentes e amigos próximos. Embora o estudo tenha focado na voz das crianças, estas não são autônomas das relações que compõem a família. Os demais membros da família intervieram na pesquisa constantemente, seja na escolha das fotos, nas conversas com as crianças, como também na participação aos encontros. Isto evidencia o papel da família como a primeira instituição através da qual se começa a ver e a significar o mundo, um processo que inicia ao nascer e se estende ao longo da vida, a partir das diferentes posições que se ocupa (Sarti, 2004). Neste sentido, não seria apropriado afirmar que se faz pesquisa somente com as crianças, o que é demonstrado desde o início da execução do projeto, com o pedido de autorização.

A análise dos dados apontou uma primeira questão-chave: as crianças vivem a cidade a partir de quatro espaços-lugares, quais sejam: a família, a escola, os espaços de lazer e os espaços criados por elas próprias. Estes espaços-lugares só fazem sentido para as crianças porque estão associados às relações sociais, estas pautadas pelas amizades, lutas por poder, negociações, trocas e aprendizagens inter e intra geracionais.

A família é umas das instituições que medeia as aprendizagens da criança na cidade, mas também é onde as crianças vivem a cidade. Mais do que isso, a família concretiza a cidade por intermédio de um exercício de apropriação coletiva: a nossa cidade, a nossa rua, a nossa casa, o nosso parque. Apropriar tem o sentido de se fazer pertencer, mesmo que de maneiras diferentes entre as gerações. Por esse motivo, optei pelo acesso a cada uma das nove crianças através de suas famílias, nos três diferentes bairros de Porto Alegre.

Como qualquer outra metrópole brasileira, Porto Alegre, com aproximadamente 1,3 milhão de habitantes (PNUD, 2003), sofre com problemas sociais, como a existência de favelas e de moradores de rua. No entanto, é a capital brasileira com maior taxa de alfabetização, 96,55%, e o seu Índice de Desenvolvimento Humano de 0,865 a coloca na nona posição dentre todos os municípios do país (PNUD, 2003). Esses relativamente altos indicadores de desenvolvimento escondem uma desigualdade social interna. Face às marcantes diferenças sociais entre os bairros representados, cabe efetuar uma comparação mais direta entre os seus indicadores socioeconômicos. A tabela a seguir evidencia que enquanto a renda média do responsável pelo domicílio no Bairro Bom Jesus é de apenas 4 salários mínimos mensais, no bairro Moinhos de Vento esse valor alcança quase 30 salários mínimos. Vale notar que a desigualdade é ainda maior, uma vez que os domicílios no

Bairro Bom Jesus são ocupados em média por 3.6 moradores contra 2.6 no Moinhos de Vento. Outro fator importante é a grande diferença entre os anos de escolaridade dos moradores do Bom Jesus e dos outros bairros, representando praticamente a metade se comparado com o Moinhos de Vento e o Bom Fim. Ainda, os bairros Moinhos de Vento e Bom Fim possuem uma baixa participação das crianças na população, apenas 10%, enquanto no Bom Jesus um terço da população tem menos de 14 anos de idade. Embora eu não divulgue os dados particulares de cada família investigada por questões de privacidade, estas são representativas das características dos bairros.

Tabela 1 - Comparação dos indicadores sociais de Bairros selecionados de Porto Alegre-2000

	Bom Fim	Moinhos de Vento	Bom Jesus
População residente com até 06 anos de idade (%)	5,1	4,6	16,4
População residente com idade de 7 a 14 anos (%)	6,6	6,3	15,7
Escolaridade média dos responsáveis por domicílios (anos)	12,7	13,2	6,5
Taxa de Alfabetização, população 15 anos e mais (%)	99,5	99,3	92,1
Rendimento médio em Reais dos responsáveis por domicílios (R\$)	2302	4479	741

Fonte: Observatório da cidade de Porto Alegre (2007)

Independente das diferentes experiências e condições de vida, todas as crianças participantes da pesquisa experimentam uma estrutura tradicional de organização familiar, identificada pela presença da mãe e do pai, ou padrasto. Logo, não encontrei entre estas famílias experiências de adoção, divórcio ou separação, monoparentalidade, meio-irmãos ou casais homossexuais. Somente duas crianças convivem com os padrastos, incorporados às famílias a partir de relações estáveis, sendo que ambos não contam com filhos de outros relacionamentos.

Assim, meninas e meninos, de idades entre quatro e doze anos, moradores de bairros de baixa, média e alta renda familiar, foram convidados a participar, tendo sido indicados através do meu próprio capital social¹. No bairro Bom Fim, em cuja vizinhança morei entre os anos de 2003 a 2006, conheci Jéssica² (9 anos, 2004), Leonardo (12 anos, 2004), Gabriel (4 anos, 2004), Giuseppe (7 anos, 2004). Victória (9 anos, 2004) fora colega da filha de uma amiga em uma escola de educação infantil, logo fora indicada por ela. A mesma amiga me apresentara a proprietária da escola, que facilitou o contato com Matheus (6 anos, 2004). Já Adriane (9 anos, 2004) e Élide (12 anos, 2004) me foram recomendadas por Marli Medeiros, no bairro Bom Jesus, as quais, por sua vez, sugeriram Waldemir (10 anos, 2004). Isso permitiu que eu organizasse as crianças em três grupos, de acordo com o bairro.

As seções subseqüentes estarão concentradas a interpretar as definições das crianças sobre a família, focalizando temas como a incorporação ou exclusão de membros, a ordem de nascimento e o papel da casa.

1. Metodologia

Planejei estratégias metodológicas combinadas para a entrada no campo. Realizei uma descrição detalhada de todas as negociações antes do primeiro encontro, assim como no decorrer de toda a pesquisa; uma entrevista com a criança e sua família no primeiro encontro, que ocorreu nas suas casas ou no lugar de trabalho das mães (somente Adriane e Élide). Tal como Mayall (2003) eu era considerada uma convidada na casa da família e minha posição de pesquisadora não tinha inicialmente parâmetros claramente estabelecidos. A cada visita, isto foi negociado e revisto, principalmente naquelas famílias que confundiam o meu papel com o de uma assistente social. O consentimento informado foi solicitado a todos os responsáveis e às crianças.

Durante dezoito meses visitei as crianças em suas casas rotineiramente. Já no início, convidei as crianças para que fotografassem espaços significativos nas suas vidas na cidade. Elas permaneceram com uma máquina fotográfica (automática ou manual) por sete dias, com um filme de 12 poses, duas vezes, com intervalos de alguns meses. Aliei a escrita detalhada, as fotografias das crianças e as nossas posteriores conversações (Mayall, 2003) gravadas e transcritas.

Ao usar diferentes métodos, oportuneizei às crianças um leque maior de possibilidade para se expressarem. Mais do que isto, os métodos visuais não somente produzem dados, mas também são formas bem-sucedidas de engajar as crianças e acessar as suas condições de vida e experiências diárias. Todavia, no contexto deste estudo, a fotografia não tem sentido sozinha, mas somente junto com a explicação e interpretação das crianças.

Pesquisar a família a partir do ponto de vista das crianças exige do pesquisador um cauteloso procedimento no decorrer do planejamento, execução e avaliação do processo investigativo, além de muita persistência. Há de se considerar que, às vezes, a racionalidade e as experiências do adulto podem se sobrepor às crenças do pesquisador, o que demanda muito cuidado no decorrer das escolhas e dos encontros com as crianças³.

A escolha de um número de histórias de vida⁴ de crianças, capaz de reconstruir a dinâmica histórico-estrutural de um grupo social particular orientou o tipo de amostra. Também, o reconhecimento de que a pluralidade da infância é decorrente da diversidade das condições sociais, culturais e econômicas nas quais as crianças vivem foi crucial para a escolha das crianças colaboradoras do estudo. Busquei garantir uma amostra diversificada ao priorizar as categorias idade, classe social, gênero e vizinhança como requisitos de seleção das crianças. O quadro a seguir sintetiza algumas informações sobre as crianças e suas famílias.

Quadro 1. Informações selecionadas sobre crianças e suas famílias em 2004

Crianças	Idade	Irmãos	Idade	Bairro	Moradores p/ domicílio	Profissão do pai/padrasto	Profissão da mãe
Jéssica	9	Douglas	14	Bom Fim	4	Garçom e sócio de restaurante	Dona-de-casa e doceira
Leonardo	12	Júnior	14	Bom Fim	4	Corretor de imóveis	Massagista
Gabriel	4	Daniel	13	Bom Fim	4	Profissional liberal	Funcionária pública
Victória	9	—	—	Moinhos de Vento	3	Profissional liberal	Funcionária pública
Matheus	6	Bruna Gabriela	12 4	Moinhos de Vento	5	Funcionário público	Dona de casa e organizadora de festas infantis
Giuseppe	7	Lorenzo Isabel	5 1	Bom Fim	5	Executivo de uma empresa	Dona-de-casa
Adriane	9	Débora Alan Fábio Stéffani	19 16 15 12	Bom Jesus	9	Preenseiro de lixo	Selecionadora de lixo
Élida	12	Henrique Bruna Diennifer Maíara Artur	16 14 8 6 8m	Bom Jesus	7	Preenseiro de lixo	Dona-de-casa
Waldemir	10	André Júlia Gisele	26 22 12	Bom Jesus	4	Manutenção pública	Dona-de-casa e comerciante no setor informal

Vale notar que a família é a instituição que mais aparece nas fotografias e relatos das crianças, cumprindo um papel de referência mesmo quando elas mencionam outros espaços e tempos, sendo uma categoria-chave nesta pesquisa. Não existe purismo teórico, muito menos purismo no contexto empírico; se a pesquisa objetivava perseguir os significados dos espaços para as crianças, isto não seria possível sem a identificação das concepções de outros membros da família, que não necessariamente são os parentes sanguíneos. Isto reforça que a concepção de família deve compreender os indivíduos em relação e não os indivíduos em si.

2. Quem faz parte da família das crianças?

É de consenso que a infância foi ignorada pela sociologia até o início dos anos 80, o que é explicado pela posição de subordinação das crianças na sociedade (Corsaro, 1997;

Qvortrup, 1994). Para corroborar o argumento, Qvortrup (1987 p. 28) relembra uma antiga canção folclórica sueca: “Crianças são pessoas que vivem em outro mundo”. Contudo, a sociologia não ignorou as crianças, mas as silenciou. Muito do pensamento da sociologia sobre as crianças deriva do trabalho teórico sobre a socialização, que concebeu as crianças a partir das instituições e não delas próprias.

As teorias tradicionais da socialização⁵ corroboram a construção científica da irracionalidade, da natureza e da universalidade da infância. Paradoxalmente, se o século XX reconheceu a criança como um sujeito de direitos, há de se pensar que o conceito de direito – associado à proteção – está relacionado à necessidade de controle dos adultos sobre as crianças. James e James (2004, p. 3) lembram que faz parte da experiência de socialização das crianças “fazer o que eu (o adulto) estou mandando”, o que reflete a ordem hierárquica entre as gerações.

Rompendo com o pensamento sociológico tradicional, Thin (2006) não só sugere a relevância de diversas formas de socialização que são observadas nas condições de existência, nas relações sociais e na história dos grupos e dos indivíduos, mas também a necessidade de avançarmos de uma visão de socialização como o resultado da ação das instituições, para entendê-la como um processo individual e social. Neste sentido, a socialização deve ser entendida como um processo ao longo da vida e não como um fim na infância. Esta afirmação recompõe as relações entre crianças e adultos, logo, todos são seres em formação que aprendem nas relações intra e intergeracionais ao longo de toda a vida. Isto porque trata-se de um processo relacional que envolve simultaneamente a interação entre os indivíduos e a sociedade, e, igualmente compreende dois movimentos. Um deles é a internalização, ou seja, o progressivo aprendizado e conformação de convenções e normas, que transformam as crianças em membros de suas sociedades. O outro movimento, a construção da identidade, engloba não apenas a habilidade de se adaptar ao ambiente, mas também de agir e transformá-lo. É o resultado de um jogo de papéis e da síntese de diferentes significações vividas; não haveria uma identidade, mas um processo de identificação dinâmico, múltiplo e em constante transformação. Ao considerar que os seres humanos estão em processo de socialização ao longo de toda a vida, fica mais claro entender que, independente de idade e tamanho, todos são seres biológicos e sociais em constante adaptação, tensão e negociação entre si, em diferentes tempos e espaços.

Quanto menor a criança, mais intensos os laços com a família. Esta afirmação não deve ser entendida como uma verdade absoluta, mas ela faz sentido no contexto deste estudo. As crianças menores não só narraram mais situações de convívio familiar, como dependeram mais da ajuda dos adultos para a realização das fotos. Já as crianças mais velhas, especialmente Leonardo e Jéssica, fizeram referências a um conjunto maior de relações (escola, programas de televisão, fatos políticos), mostrando um esforço de construção de suas identidades fora da família, o que faz parte do processo de socialização: a concomitante construção de identidade e internalização social.

Ao conduzir uma pesquisa com 49 crianças de 7 a 12 anos, no norte da Inglaterra, Mason e Tipper (2006) investigaram como as crianças definem e ordenam suas relações de parentesco. Um resultado interessante é que as crianças são criativas ao definirem suas

concepções de família, incorporando animais de estimação, parentes vivos ou falecidos. O mesmo pode ser observado entre as crianças participantes desta pesquisa, com a incorporação na família de ainda outras pessoas dos mais diversos círculos, como por exemplo, vizinhos próximos, madrinhas e padrinhos, parentes distantes e amigos.

A noção de família não é definida pelas crianças como um grupo de indivíduos somente ligados geneticamente. Leonardo menciona que embora chamasse a vizinha Norma por “tia”, a mesma faz questão que ele e os outros meninos do condomínio a chamem de “vó”, o que a tornara a “a avó emprestada”. Waldemir chama o vizinho e amigo de “primo”, sendo que ele é enteado do irmão mais velho e filho da cunhada.

As madrinhas desempenham um papel fundamental nas vidas de Jéssica e Victória. No caso de Jéssica, foi no apartamento da madrinha e do padrinho que os pais moraram assim que chegaram a Porto Alegre e onde ela própria viveu o seu primeiro ano de vida. Os laços afetivos são fortalecidos não só pelo convívio constante, já que o pai de Jéssica e a madrinha trabalham no mesmo restaurante, mas pelo encorajamento contínuo para que a menina prossiga as aulas de Inglês e uma futura faculdade. Para Victória, a madrinha não é tão presente quanto a de Jéssica, pois “é cheia dos compromissos”, mas é citada pela menina em várias passagens das nossas conversas. Não só menciona os presentes que a madrinha traz de viagens, mas Victória faz questão de fotografar, a partir da janela da sala de sua casa, o prédio onde a madrinha mora. Waldemir também mostra a importância da madrinha, sua vizinha, ao fotografá-la junto a sua mãe. Uma vez que a madrinha estava grávida, o seu objetivo era mostrar a evolução da gravidez⁶, além de querer registrar uma lembrança.

A ampliação do conceito de parentesco pelas crianças mostra com quem elas estão relacionadas, mas mais do que isto, na companhia de quem elas estabelecem laços, e, logo, se sentem em família. É fundamental reconhecer que parentesco não é meramente dado, mas construído através das negociações e práticas entre as pessoas da família e destas com o mundo exterior (Mason e Tipper, 2006).

Para Lorenzo (irmão de Giuseppe) e Victória, os seus animais de estimação fazem parte da família. Para Lorenzo os periquitos, Lindinha e Jone, estão entre os seus melhores amigos e membros da família, assim como os pais, os irmãos e alguns colegas de escola. Além de descrever o comportamento, o menino conversa com os animais e afirma que já os libertou da gaiola, tentando lhes proporcionar a mesma sensação de liberdade que os demais membros da família experimentam dentro de casa. Victória se assume mãe de seu cachorro Thor, e assim agiu nos momentos de encontro, quando o pegava no colo, conversava com o mesmo e dedicava certo tempo descrevendo as suas aprendizagens no local de adestramento – a “escolinha do Thor”. Jéssica não trata dos animais de estimação, que já teve ou que pertenceram aos parentes, como propriamente da família. No entanto, o tipo de tratamento que ela defende para os animais pode ser comparado àquele que se espera para uma pessoa. Isto pode ser evidenciado quando fala de Mel, o hamster da prima, que teria morrido de solidão e tristeza por não ter tido atenção. Leonardo também não assume o seu cachorro Skipe como membro da família, mas é com o cachorro que passa o dia inteiro e tem total responsabilidade sobre ele.

Por outro lado, é interessante notar que as crianças também excluem certos parentes do círculo mais próximo, o que está relacionado com o seu ideal de família. Ao falar do sobrinho ainda bebê que mora na mesma casa, Adriane afirma que ele “não conta, porque não é meu irmão”. A menina vem também assumindo uma distância do seu pai biológico, alegando que ele não a trata do modo esperado e não oferece a ela nada para comer quando o visita. Isto evidencia o parentesco como um sistema de relações sociais hierárquicas e geracionais que se expressa por afeto. No caso de Adriane, ao mesmo tempo em que preserva a idéia de família estendida, que incorpora o “vô emprestado”, marido da avó, é clara a sua visão de família nuclear, associada à mãe e aos irmãos.

3. Relações hierárquicas na família

São ainda poucos os estudos sociológicos que investigam a relação entre a criança e sua ordem de nascimento na família, o que não é verdade em se tratando do campo da Economia e Estatística (Emerson e Souza, 2002; Conley, Glauber, Olasky, 2004; Conley e Glauber, 2005) e Psicologia (Dunn, 1983; Dunn and Plomin, 1990; Lamb and Sutton-Smith, 1982). Na arena sociológica, Punch (2006) conduziu uma pesquisa com 30 famílias escocesas com três filhos, de idades entre 5 e 17 anos, tendo como objetivo entender como as crianças percebem a relação com os irmãos e a sua ordem de nascimento. Como primeira estratégia metodológica, as 90 crianças foram entrevistadas individualmente, sendo que os próximos encontros foram realizados em grupos, com os 3 irmãos juntos. Punch (2006) afirma que a ordem do nascimento é uma construção social, o que inspira novos estudos sobre a forma pelas quais as crianças e seus pais interpretam as suas posições na família.

Entretanto há de se considerar que, além de um processo permanente de negociação social, fatores biológicos precisam ser considerados, já que tamanho, força e habilidade são diferentes a cada faixa de idade. A família é o cenário de práticas de autoridade geralmente dos mais velhos sobre os mais jovens, em nome da sua socialização, compondo um universo complexo de relações mútuas, complementares e assimétricas. As funções desempenhadas por cada um dos membros, assim como responsabilidades e deveres, levam em consideração a posição da criança na escala de idade.

Punch (2006) detectou, através do relato das crianças, diferentes vantagens e desvantagens de ocupar uma posição ou outra na família. No caso dos irmãos mais velhos, prevaleceu em seu estudo (2006, p. 3) a vantagem de ser o “patrão”, ter a autonomia de experimentar tudo primeiro. Entre as desvantagens, foi citado a maior responsabilidade e a obrigação de dar o exemplo e cuidar dos irmãos mais novos.

Vale notar também que a posição na ordem de nascimento não é determinante das relações de poder, mesmo considerando que tamanho e força sejam elementos importantes. No estudo conduzido em Porto Alegre, entre as nove crianças, apenas Giuseppe é primogênito. Se ele detém o controle remoto e logo tem o domínio sobre a programação da televisão, Lorenzo (irmão do meio) acha formas de chamar a atenção, brigando com Giuseppe. Com isto, geralmente, os pais os separem e permitam que Lorenzo assista aos

programas de televisão no quarto do casal, podendo fazer as suas próprias escolhas. Se inicialmente os pais e o próprio Giuseppe tentavam afastar Lorenzo das nossas conversas, o próprio achou um jeito de desconcentrar o irmão, exibindo guloseimas e brinquedos, para que fosse convidado a participar. Como irmão menor, Lorenzo experimenta mais limitações do que Giuseppe, o que ele expõe: “foi o Peppe (Giuseppe) que escolheu as fotos porque ele sabia mais o que era importante; a gente (Lorenzo e pai) sabia pouco”. Todavia, por causa destas limitações, cria suas estratégias de poder e participação, já que é considerado menor, mais frágil e deve ser protegido pelo irmão maior. Através destes estratégias, ele se tornou ativo em todos os encontros e chegou a tirar algumas fotos com a câmera da pesquisa. Portanto, conseguiu a inserção na pesquisa sem ameaçar a liderança de Giuseppe.

As relações não são unilaterais, pelo contrário. Lembrando que o Clube da Criança⁷ organiza festas até o sétimo aniversário da criança, Giuseppe não se preocupa com o fato de que fará 8 anos. Ele sabe da possibilidade de frequentar o salão de festas no aniversário do irmão. Por vezes, ser o mais novo traz vantagens para a própria criança, mas neste caso, também para os mais velhos.

Matheus e Élide encontram-se no meio. Atualmente existe uma vasta divulgação da síndrome da criança do meio que seria fruto de um sentimento de não pertencimento das crianças às suas famílias, ou seja, do reconhecimento somente das desvantagens de ser o filho do meio. Todavia, somente 1/5 das crianças no estudo de Punch (2006) reforçaram aspectos negativos, enquanto as demais 4/5 expressaram aspectos positivos dos dois universos. Estando no meio podem desempenhar tanto o papel de mais novo em relação ao primogênito, como mais velho em relação ao menor.

Élide demonstra uma constante adaptação comportamental na relação com os irmãos. Por ser a filha do meio, é esperado que ela cuide das duas irmãs mais novas, ao mesmo tempo em que seus interesses vêm se voltando para as atividades de adolescente. Como parte da rotina familiar, Élide acompanha e ajuda as irmãs mais novas nas tarefas da escola. Todavia, ela começa a perder interesse pelas atividades de que previamente participava, buscando seus pares para começar a frequentar outros espaços, como o “baile do Careca”⁸.

Já Matheus é mais próximo da irmã mais nova, Gabriela, não somente pela menor diferença de idade, mas porque compartilhou com a irmã o mesmo espaço na escola de educação infantil, onde têm alguns amigos em comum. Mesmo frequentando escolas diferentes a partir de 2005, quando Matheus passou a estudar na 1ª série do Ensino Fundamental em outra escola, ambos estudam no mesmo período, à tarde, enquanto a irmã mais velha, Bruna, frequenta a escola pela manhã. Por outro lado, Matheus não quer mais ser pequeno e, de certa forma, passou a subestimar a ex-escola, onde Gabriela ainda estuda, chamando-a de “escolinha”, e mostra-se orgulho porque na nova escola as atividades são mais difíceis.

Ser o irmão mais novo também traz prós e contras. No estudo de Punch (2006) as crianças relataram como positivo ter irmãos mais experientes, ser liberado de certas funções, receber a compaixão dos pais e ser mais mimado. No entanto, reconhecem a frustração de ter irmãos maiores e mais capazes, de ser vigiado, de ter maior restrição espacial, de ganhar objetos usados e de ser considerado “bebê”. De um jeito ou de outro,

Adriane, Waldemir, Leonardo, Jéssica e Gabriel falam sobre os mesmos sentimentos. Stéffani (irmã imediatamente mais velha que Adriane) demonstrou seu incômodo durante todos os encontros em que esteve presente, entretanto, ao contrário de Lorenzo (irmão de Giuseppe), ela se manteve distante, não tolerando a frustração de não ser participante da pesquisa. Mesmo assim, ela buscou diferentes estratégias para participar. Enquanto a irmã dormia, Stéffani escreveu algumas das suas recordações em um caderno onde Adriane tomava notas sobre a pesquisa, o que provocou um conflito entre as duas. Também, aproveitando que Adriane estava doente em uma visita, Stéffani se aproximou e pediu uma folha de papel para que pudesse desenhar, o que fez juntamente com uma descrição detalhada sobre si.

Júnior, mais do que o irmão mais velho, representa um exemplo de força e proteção para Leonardo, que narra os episódios de defesa durante os conflitos na escola. Leonardo considera Júnior responsável por ele quando a mãe e o pai não estão presentes, e atribui a ele a autoridade para decidir se pode brincar na rua ou não. “Ele me observa”, afirma Leonardo. A admiração pelo irmão mais velho também é evidenciada na descrição de Leonardo sobre as suas habilidades no uso do computador, principalmente nas salas de bate-papo e as paqueras na Internet.

Jéssica relata os momentos em que brinca com o seu irmão, mas é o tamanho do quarto que pode ser observado como o reflexo da ordem de nascimento. Ela não se importa, mas enquanto o quarto do irmão é “grandão”, conforme o seu depoimento, o dela é “pequeninho”. E é nesta mesma arena – o quarto – que Gabriel demonstra a importância do irmão mais velho como seu protetor. Neste caso, a concepção das classes altas de que o crescimento físico impõe a necessidade de espaço privado, não combina com o desejo de Gabriel, que mesmo tendo o seu próprio quarto, que é decorado e possui todas as instalações, lamenta não mais dividir este espaço com o irmão.

Waldemir vivencia uma experiência interessante. A diferença de idade em relação aos dois irmãos mais velhos é significativa, ao ponto de ele manter como amigo o enteado do irmão. Ele então mantém contato direto somente com uma irmã, Gisele, imediatamente mais velha. Como esta estuda pela manhã e participa de treinamento de vôlei três vezes na semana, Waldemir mantém com a irmã, quando ambos estão em casa, uma relação mais cooperativa do que de conflito. A relação com Gisele foi descrita ao se referir às atividades domésticas e aos momentos de ida e vinda à escola.

Embora seja filha única e não necessite partilhar espaços e objetos com outro irmão, Victória tem a figura da prima muito presente. As condições físicas e emocionais de Victória são comparadas constantemente com as da prima, que tem a mesma idade.

A imersão prolongada no campo permitiu ter acesso aos comentários mais espontâneos e íntimos dos pais em relação às crianças. Encontrei diferentes manifestações de intimidade, que mostraram a surpresa dos pais ao ver as fotos das crianças reveladas, como o primeiro ímpeto de Gisele (mãe de Giuseppe): “deixa eu ver as fotinhos, posso olhar? Não acredito, saiu!”. O pai complementa: “tirou foto melhor que eu!”. A avaliação que os pais fazem sobre as capacidades das crianças são abertamente comentadas na família, tornando evidentes as características positivas e negativas de cada membro.

Ainda que se referindo às populações pobres brasileiras, Sarti (2004) afirma que a família é uma referência simbólica essencial para ordenar o lugar dos indivíduos no mundo social, dentro e fora da família. Isto foi identificado em todas as famílias desta pesquisa. O modo como as crianças e seus familiares entendem e lidam com as diferenças hierárquicas é expresso em diferentes situações. A idéia de que se deve “dar valor à mãe”, já que esta é vista como o principal membro da família, é bastante presente nos relatos de Adriane que também a considera sua melhor amiga. Percebi seu esforço constante de se assumir como uma pessoa “legal”, o que significa tratar a mãe com obediência e respeito; Adriane mostrou-se crítica ao comportamento de outras crianças da sua rua, que segundo o seu entendimento, não valorizam as suas mães.

O pai de Giuseppe e as mães de Élide, Victória, Jéssica, Waldemir e Gabriel demonstraram interesse em usar a máquina fotográfica, com o intuito de registrar momentos importantes ou mesmo captar imagens que julgavam melhores para a pesquisa. É interessante notar as diferentes estratégias que cada um usou para deixar a sua marca. Alexandre (pai de Giuseppe) registrou três fotos do quarto dos meninos, sob o pretexto de estar testando a máquina. Na família de Élide, Coroca usou a câmera para registrar o aniversário do bebê da vizinhança, assim como a tia usou a máquina para registrar uma sessão de Umbanda. Esther (mãe de Gabriel) demonstrou o interesse em usar a máquina, preocupada que o filho não fosse capaz de tirar as fotos. Outros ainda foram solicitados pelas próprias crianças para realizarem certas fotos. Jéssica solicitou à mãe Nice para fotografar a rodoviária de Porto Alegre e a Avenida Castelo Branco, uma vez que esta sentava no banco da frente do carro e tinha uma visão mais ampla destes lugares. Victória solicitou à mãe que fotografasse o prédio em que trabalha e o rio Guaíba. Waldemir pediu à mãe que o fotografasse com seu padrasto para que tivesse uma recordação.

4. O papel da casa nas relações

Jéssica, Leonardo, Giuseppe, Waldemir, Gabriel e Victória fotografaram as suas casas, sendo que Adriane demonstrou intenção, mas foi impedida pela mãe. Não há dúvidas de que as crianças entendem as suas casas de diferentes modos, considerando as variadas experiências com as pessoas com quem compartilham a habitação. Embora as casas das crianças mudassem de acordo com a sua classe social, encontrei em todas a separação do quarto do casal do quarto das crianças, cozinha e banheiro. Somente na casa de Élide o banheiro é compartilhado com as pessoas do domicílio ao lado.



Foto 1 – Foto tirada por Giuseppe de seu apartamento (Bairro Bonfim).



Foto 2 – Foto tirada por Victória de dentro de seu apartamento (Bairro Moinhos de Vento).



Foto 3 – Foto tirada por Waldemir de sua casa (Bairro Bom Jesus).

Cada espaço da casa tem uma função que segue normas sociais, mas que podem ser entendidas de formas diferentes pelas crianças. A estrutura de uma casa nas condições ideais ou apropriadas está ligada às necessidades sociais e biológicas das pessoas. O quarto do casal é o lugar para o sono, o sexo, a recuperação da doença. Também é o lugar onde as crianças recorrem quando têm pesadelos, buscando o conforto do adulto. Já o quarto das crianças desempenha a função de lugar de descanso, mas também de brincadeiras e interação com seus pares. Adriane, Élide, Leonardo, Giuseppe e Matheus compartilham o quarto com seus irmãos, o que foi avaliado por todos como positivo. Seguindo a lógica de que é necessária a separação dos quartos conforme o gênero, mas mais do que isto, quando diferenças corporais e de interesses começam a se manifestar, Waldemir e Jéssica ganharam seus próprios quartos, o que também avaliam como positivo. Gabriel também tem seu próprio quarto, mas avalia como negativo, pois a separação partiu da vontade do irmão de 13 anos e não do seu desejo.

O banheiro desempenha um papel de purificação do corpo e é onde se encontra água corrente em no mínimo três diferentes objetos: pia, vaso, chuveiro. É também onde o corpo se manifesta nas suas necessidades biológicas. É a parte da casa onde as pessoas, sejam elas de fora ou de dentro da família, aprendem desde cedo a ocupar individualmente, porque as atividades lá realizadas merecem privacidade nas sociedades ocidentais. Xuxa (mãe de Adriane) conta às gargalhadas que a filha a teria fotografado sentada no vaso sanitário⁹.

Veiga (2004) apresenta um estudo histórico sobre os processos de civilização das crianças e dos adultos, mostrando que estes decorreram das práticas pedagógicas escolares, dos saberes sobre a infância e da diferenciação entre adultos e crianças ao longo dos séculos. A autora (2004) acredita que a distinção entre crianças e adultos dependeu da criação de lugares específicos às crianças, da produção de novas relações de autoridade e da elaboração de novas formas de comportamento. Isto significa que o tempo da infância, em distinção à idade adulta, foi produzido como um símbolo socializador, com função de regulação sociocultural e de orientação na cadeia das gerações, o que demandou um longo processo de aprendizagem tanto dos adultos, como das crianças. Para civilizar as crianças, vários foram os movimentos na história da humanidade, dentre eles a educação do homem nobre e burguês, que o diferenciou não só das crianças como dos pobres pelo aprendizado da cortesia e da vergonha. Em seguida, a aprendizagem da nova condição de ser mulher, que consistia nos ofícios de mãe e dona-de-casa, e enfim, a aprendizagem de como ser criança (Veiga, 2004).

O confinamento da infância na família e na escola de massas surgiu com a formação das cidades e com a emergência da família nuclear. Vale notar que é esperado que a família desempenhe a função de socialização, convencendo modos de se comportar e agir, e assim, tornando cada vez mais individuais as necessidades que nos primeiros anos de vida são públicas.

Gabriel e Adriane não gostam das suas casas. Embora ambos estejam expostos a realidades opostas em termos de condições de moradia, um morando em um sofisticado prédio e a outra em uma favela, é interessante notar algumas conexões. Em situações de

insegurança por dormir sozinho, Gabriel busca conforto no quarto do irmão mais velho, enquanto Adriane, por temer que seus irmãos sejam assassinados, busca proteção na cama da mãe. Enquanto Adriane se queixa de problemas como alagamento e ratos na casa, Gabriel se queixa do tamanho da sua nova moradia: “eu não gosto de dormir sozinho”. Estes problemas físicos fazem ainda mais sentido quando associados às relações que ambos experimentam com os membros das suas famílias. Gabriel e Adriane são os mais novos e por isto, ocupam uma posição diferenciada em relação aos outros filhos. Por vezes, Xuxa chama Adriane por “bebê” e fica claro que, por ser a sua filha mais nova, é a primeira que deve ser protegida. Já Gabriel experimenta submissão e autoridade ao mesmo tempo; ora seus desejos são prontamente atendidos, ora seus pais duvidam que ele seja capaz de cumprir tarefas simples na casa.

A casa exprime a condição contraditória, ou complementar, de ser pública e privada ao mesmo tempo. Certamente, as suas características físicas influenciam as relações. Se os quartos e o banheiro são os espaços mais reservados aos membros da família, a cozinha e a sala já têm outra conotação. Leonardo e Élide preferem a sala das suas casas. Leonardo encontra na sala todos os recursos de que gosta (televisão, rádio, computador) e é onde ele pode participar das conversas da família, já tendo sido apelidado pela mãe de “orelhinha”. Élide prefere este cômodo porque é onde assiste à televisão na companhia da irmã imediatamente mais velha, Bruna, e também porque é o lugar de encontro da família.

Para Giuseppe a casa está associada à idéia de conforto (“onde tem colchão para eu deitar e coisas legais”, disse ele), mas especialmente por ser o irmão mais velho, detém privilégios mais notórios. Jéssica prefere o quarto dentre os cômodos da casa, embora seja o menor em comparação com os de seus pais e irmão. Enquanto está em casa, realiza todas as atividades no quarto, tais como temas da escola, leitura, ouvir música e dormir, uma vez que encontra todas as condições necessárias para isto.

Victória não fotografou a sua casa por fora, mas o exterior a partir de todas as janelas. Assim, ela mostrou a visão que tem do mundo a partir dos diferentes ângulos da sua casa. Matheus geralmente fica em casa pelas manhãs nos dias de semana, quando prefere assistir televisão, inclusive enquanto faz as refeições.

A casa também pode estar associada a uma idéia de punição, sendo entendida como oposta à rua. Waldemir e Leonardo foram impedidos em algumas situações de sair de casa para cumprir castigos, por motivos que variaram desde a reprovação escolar ao não cumprimento de alguma tarefa doméstica. Sanções físicas foram relatadas por Adriane e Waldemir no interior de suas casas. A primeira, afirma que este é um modo pelo qual os irmãos mais velhos encontraram para resolver conflitos que ocorrem rotineiramente. Ele antende que estas práticas também teriam uma função pedagógica, exemplificada quando o irmão lhe bateu porque derramou café na mesa e se recusou a comer o almoço. No entanto, a sua limitação de tamanho e força não a impede de também bater nos irmãos mais velhos, Stéffani e Fábio. Vera menciona que ocasionalmente bate nos filhos Waldemir e Gisele, alegando que certos tipos de aprendizagem devem ser realizadas em casa, e não na escola. Giuseppe aludiu uma punição de outra natureza, quando o pai arrancara uma folha do seu caderno, por reprovar alguns erros de escrita.

Adriane, Élide e Waldemir, as crianças mais pobres da pesquisa, são as únicas que desempenham atividades domésticas cotidianamente. Adriane colabora com os afazeres domésticos pelas manhãs, o que inclui a assistência ao sobrinho bebê com cuidados de higiene e alimentação, e eventualmente, o preparo do almoço. Além disto, até dezembro de 2004, Adriane acompanhava a mãe à reciclagem de lixo em algumas manhãs, para ajudá-la na seleção dos materiais. Em algumas ocasiões eu a encontrei classificando algumas garrafas plásticas, o que foi justificado por Xuxa: “ela adora estar no meio do lixo”. No entanto, uma nova política proibiu que os filhos dos trabalhadores entrassem no galpão. Élide e Waldemir colaboram com tarefas de organização da casa, o que consiste em varrer, lavar e secar a louça, arrumar as camas, remover o pó. Waldemir, ainda ajuda no pequeno negócio da família, assumindo o atendimento aos clientes quando a irmã Gisele está desempenhando outra tarefa doméstica e a mãe está sesteando.

Do ponto de vista econômico as crianças, assim como os velhos, são consideradas fardos sociais. A própria sociologia fortaleceu esta idéia com o reconhecimento das teorias da socialização que concebiam a infância como um período de dependência, separada do mundo social mais amplo. Todavia, as crianças não são totalmente dependentes, passivas ou não-produtivas, pelo contrário, elas desempenham na contemporaneidade um papel fundamental na economia. Aqui, dependência e independência podem ser entendidas tanto como categorias contraditórias como inseparáveis e complementares, pois, por vezes, os adultos são mais dependentes das crianças do que o contrário¹⁰.

O entendimento das crianças como totalmente dependentes dos adultos só atrapalha a compreensão das relações entre os membros da família, e logo, sobre os processos geracionais. Morrow (1996) afirma que a idéia de dependência das crianças está associada à construção social da infância baseada nas concepções de irresponsabilidade e incapacidade, o que ofuscaria a compreensão de que as crianças são competentes e tem agência nas suas vidas.

Conforme a Constituição Brasileira de 1988, o trabalho é permitido a partir dos 16 anos de idade, embora aos 14 anos possa ser admitido na condição de aprendiz. Não seria uma idéia contraditória pensar que as crianças são prevenidas de ter independência antes de alcançar uma determinada idade, uma vez que elas já exercitam isso ao se deparar com as atividades domésticas e escolares rotineiramente? Zelizer (2002) considera as crianças agentes econômicos ativos e os adultos como uma mera categoria de pessoas com quem as crianças desempenham atividades econômicas. A autora (2002) considera ilusória a idéia de que as crianças na contemporaneidade passaram da esfera da produção para a do consumo, argumentando que as crianças estiveram sempre envolvidas nestas duas atividades. Tomando conceitos básicos da Economia, ela argumenta que as crianças estão totalmente envolvidas com a produção (qualquer esforço que produz valor como a variedade de tarefas domésticas), o consumo (transferência de valores não somente frutos de troca, mas os presentes de aniversário e lanches na escola) e a distribuição (aquisição de bens e serviços). Nesta mesma linha de reflexão, Wintersberger (2001) estabelece algumas relações entre os estágios da infância e os estágios do desenvolvimento econômico da humanidade, para mostrar que a escola é o espaço de trabalho da criança, no entanto, não-remunerado.

Wintersberger (2001) mostra que na modernidade a criança não só perdeu o status de colaboradora com o orçamento familiar, como apareceu como quem só onera a família. Neste sentido, o reconhecimento do trabalho infantil doméstico e escolar como autêntico poderia ter uma conotação positiva entre as gerações, já que seria comparado com o trabalho remunerado dos adultos. Qvortrup (2001) acredita que as crianças sempre trabalharam, todavia, o que mudou foram os modos de produção. Embora entendendo que é possível perceber várias formas de trabalho simultâneas no mundo inteiro, o autor (2001) afirma que o trabalho escolar nada mais é que o trabalho manual desempenhado pelas crianças em períodos precedentes, reforçando, por isso, as crianças como economicamente ativas e não meras inúteis. É interessante notar que estas diversas dimensões do trabalho infantil através do tempo e do espaço, apontadas por Qvortrup, puderam ser identificadas na presente pesquisa. Apesar de oriundas de uma mesma cidade e de um mesmo momento histórico, as crianças têm experiências distintas no tocante ao seu trabalho em casa e fora dela.

Considerações finais

Se os estudos clássicos da sociologia apontam a família e a escola como os espaços legítimos de socialização, a sociedade contemporânea apresenta diferentes desafios e possibilidades para as crianças. As novas formas de trabalho, a mudança no papel social da mulher e mãe, a substituição de uma economia industrial por outra de serviços, influenciam o alargamento de opções espaço-temporais para as crianças. Contudo, conforme a pesquisa conduzida com as crianças em Porto Alegre, a família ainda desempenha um papel fundamental nas suas vidas, como se fossem nós na rede, onde outras relações serão tecidas e ampliadas.

Como esta pesquisa também mostra, o conceito de família depende das definições que seus membros constroem sobre ela ao longo de suas vidas. Mostrando criatividade, as crianças são ousadas para incorporar amigos, vizinhos queridos, parentes dos parentes e mesmo animais como membros das suas famílias, mostrando assim uma visão estendida sobre a mesma. Dependendo de experiências negativas, elas também excluem parentes consanguíneos dos seus círculos familiares.

Se por um lado, as características físicas dos adultos facilitam a constituição de relações assimétricas, baseadas na escala hierárquica, de outro, todos os membros são bastante eficientes para construir estratégias de resistência. Isto mostra que os papéis desempenhados por cada membro da família não dependem apenas de aspectos biológicos, mas de constantes negociações sociais. Este artigo mostra que as relações entre irmãos de diferentes idades evidenciam complexas relações de poder, autonomia e conhecimento. Assim, é no contexto da casa que as diferenças entre cada irmão ficam evidentes, no modo que os cômodos são organizados, as tarefas e as responsabilidades assumidas frente aos adultos.

Notas

- ¹ No sentido de Coleman (1988), porque foram baseadas na minha própria rede social.
- ² Os nomes das crianças apresentados no artigo são verdadeiros, mas isso não se trata de uma decisão arbitrária, e sim, do resultado de uma negociação prolongada com todas as crianças e suas famílias.
- ³ Uma das características fundamentais da modernidade é a dicotomização do mundo em categorias que diferem a infância da idade adulta, relacionando-a com o privado, a natureza, a irracionalidade, a dependência, a passividade, a incompetência e a brincadeira. Do outro lado, a idade adulta esteve relacionada ao público, à cultura, à racionalidade, à independência, à atividade, à competência e ao trabalho (Prout, 2005).
- ⁴ Demartini (2002) afirma que considerar os relatos das crianças nas pesquisas é reconhecer que elas têm identidade e uma memória construída. Desvendar a história de cada criança e do grupo ao qual ela pertence no momento da pesquisa permite analisar os processos de socialização das crianças, contudo, sem necessariamente colocá-las em uma posição social de inferioridade em relação ao adulto.
- ⁵ A abordagem funcionalista dos anos 50 e 60, cujo pioneiro foi Durkheim, concebeu a socialização como uma estratégia de treinamento para assegurar a internalização de normas e regras, de forma que as crianças se tornassem integradas à sociedade. Parsons (1964, p. 208) chamou de “invasão bárbara” a chegada dos recém-nascidos, entendendo isso como uma situação crítica de todas as sociedades. Após o seu nascimento, a criança passa a ser conformada pelas instituições sociais: a família, a comunidade e a escola. Dessa relação, ela assimilaria a moral e os costumes que conduzem ao convívio social e, aos poucos, incorporaria as regras coletivas aos seus valores individuais, pois, do contrário, ela se tornaria excluída.
- ⁶ Alderson (2003) argumenta que as crianças podem ser convidadas a conduzir pesquisas, uma vez que já o fazem nas situações diárias das suas vidas.
- ⁷ Trata-se de uma área de lazer para as crianças integrada à praça de alimentação do Shopping Total em Porto Alegre. Conta com brinquedos, carrossel, LAN house, labirinto e serviço de recreacionistas.
- ⁸ Localizado no Bairro Bom Jesus, trata-se de um baile funk para adolescentes que ocorre aos finais de semana das 19 às 23h.
- ⁹ Sobre as origens do sentimento de vergonha nas sociedades ocidentais, ver Áries (1962) e Elias (2001).
- ¹⁰ Crianças não são incompetentes, sobretudo porque vêm dominando melhor certos conhecimentos produzidos no mundo dos adultos. É o caso do domínio das novas tecnologias, Internet, jogos eletrônicos, telefone portátil. Outro exemplo da autonomia das crianças em relação ao controle dos adultos é a imigração. Estudando os processos de imigração para os Estados Unidos, Thorne et al (2003) observa que muitas crianças são responsáveis pela mediação de suas famílias com as regras do novo país, fazendo traduções e ajudando os pais a lidar com a burocracia americana.

Referências Bibliográficas

- Alderson, P. (2003) Children as researchers: the effects of participation rights on research methodology. In: Christensen, P.; James, A. Research with children. London: Falmer Press. p. 241-257.
- Ariès, P. (1962) Centuries of childhood: a social history of family life. New York: Knopf.
- Brasil. Constituição. (1988) Constituição da República Federativa do Brasil. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- Coleman, J. C. (1988) Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology. n. 94: p. S95-S120.
- Conley, D.; Glauber, R. (2005) Sibling Similarity and Difference in Socioeconomic Status: Life Course and Family Resource Effects. Institute for Research on Poverty, University of Wisconsin–Madison.
- Corsaro, W. A. (1997) The sociology of childhood. California: Pine Forge Press.
- Demartini, Z. B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. (2002) In: Faria, A. L.; Demartini, Z. B. F.; Prado, P. D.

- (orgs.). Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados. p. 1-17.
- Dunn, J. (1983) Sibling Relationships in Early Childhood Child Development, Vol. 54, n. 4, p. 787-811.
- Dunn, J.; Plomin, R. (1990) Separate Lives: Why Siblings Are so Different. New York: John Wiley.
- Durkheim, E. (1973) Educação e sociologia. São Paulo: Melhoramentos.
- Elias, N. (2001) The society of individuals. New York: Continuum.
- Emerson, P. M.; Portela, A. S. (2002) Birth Order, Child Labor and School Attendance in Brazil. Working Papers 0212, Department of Economics, Vanderbilt University.
- Google Maps. Disponível em: <http://maps.google.com>. Acesso em 30 de abril de 2007.
- James, A; James, A. L. (2004) Constructing childhood: theory, policy and social practice. London: Palgrave/Macmillan.
- Lamb, M.; Sutton-Smith, B. (1982) Sibling relationships: their nature and significance across the lifespan. Hillsdale, NJ: L. Erlbaum Associates.
- Mason, J.; Tipper, R. (2006) Children, Kinship and creativity. Working Paper. Manchester: University of Manchester, Morgan Centre for the study of relationships and personal life.
- Mayall, B. (2003) Conversations with children: working with general issues. In: Christensen, P.; James, A. Research with children. London: Falmer Press. p. 120-135
- Montandon, C. (1997) L'éducation du point de vue des enfants: un peu blessés au fond du coeur. Paris: Editions L'Harmattan.
- Morrow, V. (1996) Rethinking childhood dependency: children's contributions to the domestic economy. The sociological review. Vol 44, n. 1, p. 58-77.
- Observatório da cidade de Porto Alegre. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio>. Acesso em 30 de abril de 2007.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). (2003) Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Brasília: PNUD.
- Prout, A. (2005) The future of childhood. New York/London: RoutledgeFalmer.
- Punch, S. (2006) Children's Experiences of Sibship and Birth Order: 'Someone to look up to and someone to look down on'. Manchester: Morgan Centre for the Study of Relationships and Personal Life.
- Qvortrup, J. (1994) Childhood matters: an introduction. In: Qvortrup, Jens; Bardy, Marjatta; Sgritta, G. B.; Wintersberger, H. Childhood matters: social theory, practices and politics. Aldershot: Avebury. p. 1-23.
- _____. (2001) O trabalho escolar infantil tem valor? A colonização das crianças pelo trabalho escolar. In: Castro, L. R. Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: Nau/Faperj.
- Sarti, C. A. (2004) A família como ordem simbólica. Psicologia USP. V.15, n. 3, p. 11-28.
- Thin, D. (2006) Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 211-225, maio/ago.
- Thorne, B et al. (2003) Raising children, and growing up, across national borders: comparative perspectives on age, gender and migration. In: Hondagneu-Sotelo, P. Gender and U.S. immigration: contemporary trends. Berkeley/Los Angeles: University of California Press. P. 241-262.
- Veiga, C. G. (2004) Infância e Modernidade: ações, saberes e sujeitos. Faria Filho, L. M. (org.) A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica. p. 35-82.
- Zelizer, V. (2002) Kids and commerce. Childhood. V. 9, n. 4, p. 375-396.
- Wintersberger, H. (2001) Crianças como produtoras e consumidoras: sobre o significado da relevância econômica das atividades das crianças. In: Castro, L. R. Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: Nau/Faperj. p. 93-120.

Correspondência

Fernanda Müller – Professora adjunta da Universidade Federal de São Paulo/Campus Guarulhos.
E-mail: fernanda.muller@unifesp.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
